

Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos

Isa Maria Freire

Resumo

Adotando a sugestão de Wersig para a ciência da informação, qual seja a de implementar a interação com modelos teóricos de outras áreas das ciências, é apresentado um exercício metodológico tendo como construtos “informação” (Belkin, Robertson; Wersig), “consciência possível” (Goldmann) e “campo” (Bourdieu). Neste modelo teórico interativo, o atrator que organiza os construtos é a noção de informação como fenômeno da comunicação entre seres humanos. O construto “consciência possível” permitiria compreender esse fenômeno como produção social, no nível das leis de estrutura da sociedade, enquanto o construto “campo” oferece um quadro referencial complementar a este, no nível das ações dos indivíduos, particularmente nas relações de poder em grupos específicos. O conceito de “consciência possível” é considerado por Goldmann como fundamental para o estudo da comunicação humana, podendo ser usado na abordagem das possibilidades de transferência da informação em diversos grupos na sociedade.

Palavras-chave

Informação; Comunicação humana; Transferência de informação; Sociologia; Intercâmbio de informação.

“Since everything is connected with everything somehow information science would have to develop some kind of conceptual navigation system (...). This is the difference between the information scientist and the weaving bird: The latter already has its plans provided by evolution. In our case the next step of evolution in science waits to be done, by whomever.” (Wersig²)

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONTEXTO & CONSTRUTOS³

Ao longo do processo de desenvolvimento da ciência como principal forma de conhecimento sobre o mundo, uma área científica específica emergiu,

“não por causa de um fenômeno específico que existia antes e que veio a se tornar seu objeto de estudo – mas por causa da necessidade de abordar um problema que mudara completamente sua relevância para a sociedade”,

como colocam Wersig & Neveling, na perspectiva de que

“a transmissão de conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o fundamento em si para a ciência da informação”⁵.

Para ambos, a área de atividade desta ciência emergente se define a partir da responsabilidade de facilitar a comunicação de mensagens entre um emissor e um receptor humanos. Isso implica que seu objeto de estudo deve pertencer ao universo dos fenômenos da comunicação social, em particular à comunicação de informações, com o objetivo de promover mudanças nas estruturas de conhecimento receptor.

Wersig & Neveling fizeram uso do conceito de “estrutura” com referência particular às estruturas do mundo real (ou meio ambiente). Eles também se referiram ao “reflexo” dessas estruturas, em imagens individuais ou sociais e forneceram a base a partir da qual Belkin & Robertson⁶ constroem um conceito de informação para a ciência da informação a partir da imagem (no sentido de Boulding⁷: imagem como a concepção mental que temos do nosso meio ambiente e de nós mesmos nesse meio ambiente) e considerando as próprias estruturas da imagem. Essas estruturas podem ou não representar reflexos de estruturas do mundo real.

Uma extensa pesquisa identificou, para Belkin & Robertson, a noção básica comum às inúmeras definições de informação, qual seja a idéia de estruturas sendo mudadas, o que os faz propor uma definição como segue:

“informação é o que é capaz de transformar estruturas”⁸.

Aqui, os autores abandonam informação em seu sentido geral e discutem os vários usos do termo a partir da idéia de “estruturas em transformação”. Usando como modelo um espectro da informação por meio de vários níveis de estrutura, Belkin & Robertson postulam que a informação de interesse para a ciência da informação começa com o advento das estruturas semióticas, na interface da formação individual de conceitos com a comunicação inter-humana, e continua em interface com as estruturas conceituais sociais e com o conhecimento formalizado, conforme o quadro 1.

A questão que Belkin & Robertson colocam, nesse ponto de sua argumentação, é a seguinte: existe alguma coisa, nesse domínio da informação, que seja única e relacionada com a produção e circulação do conhecimento e possa ser usada na solução de problemas da ciência da informação? Sua resposta é **sim**, e, apoiando-se nos níveis de estrutura apontados como de interesse para ciência da informação, propõem uma visão do fenômeno da informação no processo de comunicação humana como a

*“deliberada (propositada) **estrutur**ação de uma mensagem por um emissor, no sentido de alterar a estrutura-da-imagem do receptor. Isto implica que o emissor tem conhecimento da estrutura do receptor” (em itálico, no texto original)¹⁰.*

Nesse processo de construção de um conceito de informação para a ciência da informação, outras estruturas vêm a tornar-se relevantes: a estrutura do próprio texto e a estrutura da imagem do emissor. Belkin & Robertson propõem o termo **estrutur**a, compreendido como uma forma geral de organização, para definir o padrão de expressão dos fenômenos de interesse para a ciência da informação, propondo como seus conceitos básicos

*“um **texto** (que) é um conjunto de signos organizados por um emissor com a intenção de mudar a estrutura-da-imagem (do conhecimento) de um receptor; é uma) **inform**ação (a qual) é a estrutura de qualquer texto (que é) capaz de modificar a estrutura-da-imagem (do conhecimento) de um receptor” (grifos conforme original; o texto entre parênteses foi acrescentado ao texto original)¹¹.*

Os construtos primários desse enunciado são definidos no quadro 2.

Assim, Belkin & Robertson estabelecem como fenômeno básico para a ciência da informação o texto e sua informação associada, bem como a relação entre emissor e receptor. Esse quadro conceitual requer a introdução de duas entidades específicas: as estruturas-da-imagem

(Boulding) do emissor e do receptor. Em outras palavras, colocam que só é possível estudar o fenômeno do texto e a informação a ele associada em associação com o processo de comunicação social, que contextualiza informação, emissor e receptor em uma sociedade. Os fenômenos básicos para a ciência da informação são (re)definidos no quadro 3.

Belkin & Robertson notam, no entanto, que a área que mais tem interessado a cientistas da informação, no passado e no presente, foi omitida nesta lista de fenômenos básicos. Essa área aborda um problema da ciência da informação que tem sido denominado **canais de comunicação** e é definido em termos de conceito básico como

*O texto e sua estrutura (informação) e as atividades e mecanismos que alteram as estruturas (da imagem) entre emissor e receptor*¹⁴.

Um canal na ciência da informação quase sempre tem vários estágios e componentes: particularmente, canais contêm mecanismos, dispositivos que operam textos, física ou intelectualmente ou ambos, para colocá-los em uma forma apropriada (coerente e adequada) para transmissão no processo de comunicação entre um emissor e um receptor de mensagens. A ciência da informação, segundo Belkin & Robertson, tem estado interessada nesses mecanismos, que representam a maioria dos conceitos disponíveis para solucionar problemas com os quais os cientistas da informação têm trabalhado.

Nesse campo da atividade intelectual, a sociedade contemporânea tem investido no desenvolvimento de formas de expressão e de meios de comunicação que facilitem a transferência e compreensão de informações relevantes para o processo de produção social, com amplo destaque para a tecnologia da informação. A divulgação dos resultados das atividades científicas, por exemplo, criou o fenômeno da “explosão da informação”, que representa a expansão e diversidade dos meios de comunicação para troca de informação entre grupos de cientistas e, mais recentemente, entre inúmeros outros grupos que compartilham a necessidade de informação em suas respectivas áreas de atividade, como mostra Araújo¹⁵. Pois todos os grupos que exercem atividades intelectuais na sociedade – sejam xamãs, artistas ou cientistas – necessitam de informação para desenvolver sua participação nas atividades de criação da riqueza social.

Entretanto, como lembra Saracevic¹⁶, os problemas do estudo da informação no âmbito dos fenômenos da comunicação humana não podem ser resolvidos dentro de uma única área da atividade científica. Torna-se necessário, do ponto de vista do fenômeno da informação, o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas que favoreçam a interdisciplinaridade, ou seja, que permitam o relacionamento teórico da ciência da informação com outras áreas do estudo científico. Isto, porque, tendo a informação adquirido extrema relevância para a produção social, sua organização e socialização têm, também, adquirido maior importância e valor social. Nesse contexto, cresce a responsabilidade da ciência da informação, enquanto atividade social, cabendo-lhe buscar, nessa interdisciplinaridade, sua estratégia de atuação.

Wersig propõe¹⁷, por sua vez, que se adote para a ciência da informação uma estratégia metodológica que envolva a interação com conceitos e modelos de outras áreas científicas, de modo a construir um quadro referencial teórico que possa trabalhar com as formas de expressão do conhecimento como estruturas que transformam e são transformadas no processo de produção e

comunicação social. Sua idéia, baseada na experiência com um modelo em uso na Alemanha, é que:

“Informação é conhecimento (para) ação”⁸(a palavra entre parênteses foi acrescentada ao original).

Isto significa que comportamento racional, em todos os sentidos de racional, necessita de conhecimento para se realizar produtivamente na sociedade. Esse conhecimento tem se transformado historicamente, mas sempre no sentido de representar alguma informação que apóie uma ação dentro de uma situação específica, diminuindo a incerteza sobre o comportamento do sistema em sua interação com o meio ambiente.

Uma área de estudo da ciência da informação poderia, então, ser constituída pelas formas de expressão e meios de comunicação desse conhecimento no processo de produção social. Nessa perspectiva, a abordagem proposta por Goldmann poderá ajudar cientistas da informação a formular e equacionar algumas das questões atuais sobre a produção, apropriação e socialização do conhecimento, considerando-se a dinâmica dos processos sociais e a visão do mundo das classes sociais. Identificar essas **formas** (texto) e os **limites de sua expressão** (informação), representados pelo **máximo de consciência possível da classe social dominante numa sociedade em um dado momento histórico**, justificariam o presente exercício teórico-metodológico.

A CONSCIÊNCIA POSSÍVEL CONFORME GOLDMANN

No processo de comunicação, a informação contida em um texto organizado para transformar as estruturas informacionais de um receptor inte-rage com essas estruturas no sentido de fazê-lo compreender, de forma coerente e adequada, a mensagem que lhe está sendo enviada. Recebendo a mensagem e apreendendo o máximo possível do seu sentido original, o receptor reage a essa informação transformando sua estrutura de conhecimento e organizando sua própria informação com o objetivo de promover mudanças nas estruturas informacionais do antigo emissor/novo receptor, realimentando o processo de comunicação. E, na perspectiva da transferência da informação como processo de comunicação humana, assim como ocorre nos indivíduos, ocorre também com as sociedades, sejam elas neolíticas, ou pós-modernas¹⁹.

Para abordar as questões decorrentes da existência da consciência possível, ou que se pode calcular, podemos adotar a premissa de Wersig²⁰ de que o comportamento racional, em todos os sentidos de racional, necessita de conhecimento e que informação se define como conhecimento para ação. Nessa perspectiva, como visto, é sugerido que se adote para a ciência da informação uma estratégia metodológica que envolva a interação com conceitos e modelos de outras áreas científicas, de modo a construir um quadro referencial teórico que possa trabalhar com as formas de expressão do conhecimento enquanto estruturas que transformam e são transformadas no processo de produção e comunicação social.

Na perspectiva da dinâmica social, no nível das grandes leis de estrutura, Lucien Goldmann propõe o conceito de “consciência possível” para o estudo das possibilidades de comunicação da informação em uma dada sociedade²¹. Este construto, que lhe parece fundamental para o estudo da comunicação humana, é por ele retomado a partir da visão de que, em ciências sociais:

“O conhecimento se encontra no duplo plano do sujeito que conhece e o objeto estudado, pois todos os comportamentos são comportamentos de seres conscientes que julgam situações e escolhem, com maior ou menor liberdade, sua maneira de agir. O (cientista social) deve levar em conta, além da adequação do pensamento às coisas e os

conhecimentos reais de seu tempo, um fator intermediário entre eles, o máximo de consciência possível das classes que constituem a sociedade a ser analisada” (o texto entre parênteses foi acrescentado ao texto original)²².

Nesta abordagem, é essencial separar a consciência possível de uma classe de sua consciência real em um certo momento da história, resultante das limitações e dos desvios que as ações dos outros grupos sociais, assim como os fatores naturais e cósmicos, infligem a essa consciência de classe. Assim, Goldmann postula que:

“O homem se define por suas possibilidades, por sua tendência para a comunidade com outros homens e para o equilíbrio com a natureza. A comunidade autêntica e a verdade universal exprimem essas possibilidades por longuíssimo período da história; a “classe para si” (oposta à classe em si), o máximo de consciência possível, exprimem possibilidades no plano do pensamento e da ação em uma estrutura social dada. Na ação social e política, por exemplo, é evidente que as alianças entre classes sociais só podem ser feitas na base de um programa mínimo que corresponda ao máximo de consciência possível da classe menos avançada”. Quando em 1917, Lênine, para o escândalo da maioria dos socialistas ocidentais, preconizou a distribuição de terras aos camponeses, o que parece contrário a todo programa socialista, simplesmente levou em conta o fato de que o operário russo necessitava, para a Revolução ter bom êxito, da aliança com o cam-pesinato pobre e os diaristas agrícolas, e de que a coletivização agrícola ultrapassava a consciência possível dos camponeses numa sociedade não socialista. (...) Ou ainda, durante a Revolução Francesa, a exigência de igualdade jurídica representava o máximo de consciência possível para a burguesia; a compreensão do fato de que a igualdade jurídica é puramente formal e em nada garante a igualdade econômica ultrapassava a consciência possível da burguesia revolucionária” (em itálico, no texto original)²³.

Para Goldmann, o materialismo dialético parece oferecer uma possibilidade de síntese teórica e metodológica para as ciências humanas, pois ao mesmo tempo em que nega a existência de toda entidade metafísica e especulativa, considera, todavia, a vida espiritual como expressão de uma realidade humana mais profunda e mais vasta. Ele se pergunta como ela é possível? Ocorre que:

“Para o materialismo dialético não há consciência supra-individual. A consciência coletiva, consciência de classe, por exemplo, consiste apenas no conjunto de consciências individuais e de suas tendências tais que resultam da mútua influência dos homens uns nos outros e de suas ações sobre a natureza. O materialismo dialético não acredita que o conjunto de consciências individuais seja a soma aritmética de unidades autônomas e independentes; seu pensamento, numa linhagem que passa por Pascal, Kant e Hegel, diz que cada elemento só pode ser compreendido no conjunto de suas relações com os outros, isto é, em relação ao todo, pela ação que opera sobre esse todo e a influência que este exerce nele”²⁴.

Goldmann coloca que, na sociedade atual e desde as sociedades mais antigas, a natureza do conjunto das relações entre os indivíduos e o resto da realidade social é de tal ordem, que constitui, continuamente, uma certa estrutura psíquica, em grande parte comum aos indivíduos que formam a mesma classe social. Essa estrutura psíquica tende para certa perspectiva coerente, certo máximo conhecimento de si e do universo, mas também implica limites, mais ou menos rigorosos, no conhecimento e na compreensão de si mesmo, do mundo social e do universo.

“Em termos globais e estatísticos, isso significa que as classes sociais constituem a infraestrutura das visões do mundo e tendem à sua expressão coerente nos diversos domínios da vida e do espírito”²⁵.

Neste ponto, ao falar de expressão de uma consciência coletiva, Goldmann faz uma ressalva: um comportamento ou uma obra só se tornam expressão da consciência coletiva, à medida

que a estrutura que exprimem não é particular a seu autor, mas comum aos diferentes membros constituintes do grupo social. E introduz, na sua argumentação, o conceito de “forma” de Lukács:

“... se todo sentimento, todo pensamento e, no limite, todo comportamento humano é Expressão, é preciso distinguir, no interior do conjunto de expressões, o grupo particular e privilegiado das Formas que constituem expressões coerentes e adequadas de uma visão do mundo no plano do comportamento, do conceito ou da imaginação. Há, pois, Formas na vida, no pensamento e na arte, e seu estudo constitui ... a tarefa mais importante do historiador da filosofia, da literatura e da arte, mas sobretudo do sociólogo do espírito”²⁶.

As visões do mundo são, pois, fatos sociais, e as grandes obras filosóficas e artísticas configuram expressões coerentes e adequadas dessas visões do mundo. São, como tais, expressões individuais e sociais ao mesmo tempo, sendo seu conteúdo determinado pelo máximo de consciência possível do grupo, em geral da classe social, e a forma determinada pelo conteúdo para o qual o autor encontra uma expressão adequada. Goldmann esclarece que, neste contexto, a palavra “forma” tem dois sentidos: o primeiro, expressão coerente e adequada de uma visão do mundo, e como tal oposta aos ecletismos; o segundo, meio de expressão (comunicação e linguagem) adequado ou não ao conteúdo que exprime.

Goldmann propõe, então, o uso do conceito de “consciência possível” para estudos da comunicação e da transmissão de informações. Segundo ele,

“Trata-se, em resumo, do fato de, numa conversação, ou ... numa transmissão de informações, não há apenas um homem ou um aparelho que emite informações e um mecanismo que as transmite, mas também, em qualquer parte, um ser humano que as recebe. Mesmo quando o caminho é muito longo e passa pelo meandro de um encadeamento de aparelhos e de máquinas, no fim das contas, no extremo da cadeia, há um ser humano, e nós sabemos que a sua consciência não pode ‘deixar passar’ seja o que for e como. Essa consciência receptora é opaca a toda uma série de informações que não passam em razão mesmo de sua estrutura, enquanto outras informações passam, e outras, enfim, só passam de maneira deformada”²⁷.

O problema, portanto, está não em saber o que pensa um grupo, mas quais são as mudanças suscetíveis de se produzirem na sua consciência, sem que haja modificação na estrutura essencial do grupo. Goldmann propõe quatro níveis de análise da “consciência possível”, ou que “consciência que se pode calcular”:

“Em primeiro lugar, ocorre muitas vezes que uma informação não passa por falta de informação prévia. (...)

Um segundo nível, já mais importante, embora não seja propriamente sociológico, é o da estrutura psíquica do indivíduo. ... Trata-se aqui de um obstáculo à comunicação mais resistente ... porém, pode-se ainda imaginar uma possibilidade de o transpor. Uma estrutura psíquica individual pode por fim ser transformada. (...)

Um terceiro nível, que já é socio-lógico, mas que permanece ainda periférico, é aquele em que um grupo social particular de indivíduos, sendo dada a estrutura de sua consciência real, resultante de seu passado e de múltiplos acontecimentos que agiram sobre ela, resiste à passagem de certas informações. Podemos, por exemplo, imaginar que pesquisadores pertencentes a uma escola científica, apegados a uma tese por eles

defendida, se recusem a tomar conhecimento de tal ou tal teoria nova que reporia em discussão seus trabalhos anteriores. ... Trata-se ainda, aí, de uma possibilidade de transformação da consciência real que não repõe em discussão a existência do grupo social.

Chegamos agora a um nível mais importante no domínio que nos preocupa, aquele em que se coloca o problema daquilo que Marx chamava os limites da consciência possível; é o caso em que, para obter a transmissão, o grupo, na qualidade de grupo, deve desaparecer ou transformar-se, a ponto de perder suas características sociais essenciais.

Existem efetivamente informações cuja transmissão é incompatível com as características fundamentais deste ou daquele grupo social. É o caso em que as informações ultrapassam o máximo de consciência possível do grupo. (...)

Todo grupo tende, de fato, a conhecer, de maneira adequada, a realidade, mas seu conhecimento não pode ir senão até um limite máximo compatível com a sua existência. Além desse limite, as informações só poderão passar, se se conseguir transformar a estrutura do grupo, exatamente como no caso dos obstáculos individuais em que só poderão passar se for transformada a estrutura psíquica do indivíduo”²⁸.

Entretanto, embora ressalte a importância operatória do conceito de “consciência possível” para o estudo das possibilidades de comunicação na vida social, Goldmann reconhece que ele não tem sido utilizado com frequência e os métodos para seu uso estão apenas delineados; e alerta aos pesquisadores que venham a adotar este caminho metodológico para as condições de elaboração e de transmissão de mensagens em um determinado grupo, pois:

“A vida da sociedade não constitui um todo homogêneo; compõe-se de grupos sociais parciais em meio aos quais as relações são múltiplas e complexas. De uma maneira bastante esquemática e global, poderíamos defini-las como um conjunto de conflitos e colaborações”²⁹.

Goldmann enumera três princípios metodológicos importantes para a utilização do conceito de máximo de consciência possível, a saber:

“(primeiro, considerar que) ...

a extrema complexidade do estudo da transmissão das mensagens assenta sobre os diferentes aspectos da vida dos homens.

(segundo, sendo que) Uma das regras mais importantes para isolar estruturas sociais essenciais e construir, em cada caso concreto, o conceito de máximo de consciência possível está baseada na hipótese inicial de que todos os fatos humanos constituem processo de estruturação significativo orientado para equilíbrios provisórios e dinâmicos ... (o pesquisador deve admitir erro metodológico, se o objeto estudado não se tornar significativo, isto é, se não obtiver tal estrutura).

-

... enfim ... as obras filosóficas, literárias e artísticas (e científicas) revelam ter um valor especial para a sociologia porque se aproximam do máximo de consciência possível desses grupos sociais privilegiados cuja mentalidade e cujo pensamento e comportamento são orientados no sentido de uma visão global do mundo. ... o estudo dessas obras é ... um dos mais eficazes ... para o conhecimento da estrutura da consciência de um grupo, a consciência de um grupo e o máximo de adequação à realidade que ela pode atingir” (o texto entre parênteses foi acrescentado ao original)³⁰.

Para Goldmann, como formas de expressão em uma visão do mundo, as obras filosóficas, literárias, artísticas – e podem-se acrescentar as científicas – têm um valor especial para as ciências que estudam as relações e a comunicação humanas, porque aí se aproximam do máximo de consciência possível daqueles grupos ou classes sociais privilegiados, cuja mentalidade, pensamento e comportamento são orientados no sentido de uma visão global do mundo. Nessa perspectiva, o nível de aproximação da realidade tem como premissa que todo fato humano é um fato total e sua explicação deve considerar a totalidade dos processos sociais. Assim, quando um pesquisador estuda uma obra como estrutura significativa interna, estará tentando compreender a própria obra; se tentar abordá-la como estrutura parcial em uma

estrutura maior, estará compreendendo o movimento da sociedade no qual a obra estudada se insere, ampliando sua compreensão sobre a própria obra. Mas, se inserir esse movimento, no qual se inclui a obra estudada, na estrutura global da classe social à qual pertence o autor, ele finalmente compreenderá a história dessa classe e poderá explicar a gênese do movimento e o conjunto de processos sociais que a obra expressa por meio de sua forma característica, aproximando-se do máximo de consciência possível e das reais possibilidades de comunicação e transferência de informações na sociedade.

O construto proposto por Goldmann e suas observações metodológicas representam uma possibilidade de compreensão daqueles fenômenos ligados aos canais ou meios de comunicação entre seres humanos. Sua interação com os construtos propostos por Wersig & Neveling (responsabilidade social da ciência da informação), Belkin & Robertson (informação como alteração de estruturas) e Wersig (informação como conhecimento para ação) parece-nos apresentar os “fatores de coerência semântica” propugnados por Bunge para proposição de um quadro referencial teórico, quais sejam a unidade de referência do discurso (U), a homogeneidade semântica dos predicados (que devem pertencer a uma só ‘família’) e a combinação dos conceitos-chave (ou primários, predicados básicos da teoria) mediante a distribuição razoável entre as suposições iniciais (condição de conectude conceitual).

O CONCEITO DE CAMPO

O construto “campo”, proposto por Bourdieu³¹, agrega-se a esses “conceitos primários” do modelo interativo como a possibilidade de abordar a comunicação da informação em um determinado grupo social, como, por exemplo, os cientistas.

O quadro teórico proposto por Bourdieu se funda na questão da mediação entre o agente social e a sociedade. Ele introduz a noção de poder:

“o ouvinte não é o ‘tu’ que escuta o ‘outro’ como elemento complementar da interação, mas se defronta com o ‘outro’ numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados ao nível da sociedade global”³².

Neste quadro, a comunicação acontece como uma “interação socialmente estruturada”, em uma situação em que as posições sociais dos agentes da “fala” já se encontram, objetivamente,

estruturadas. Bourdieu recupera, para a construção do seu quadro teórico, a idéia escolástica de *habitus*, que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado. Essa noção de *habitus* é reinterpretada como:

“sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’, sem que

por isso sejam o produto de obediência de regras,... mas sendo, ao mes-mo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro”³³.

O *habitus* tende a conformar e orientar a ação, mas, sendo ele mesmo produto das relações sociais, essa tendência se dirige à reprodução das relações objetivas que o engendraram. Para Bourdieu,

*“Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um **modus operandi** do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma “intenção objetiva”, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes”³⁴.*

A “teoria da prática” de Bourdieu postula que as ações sociais são concretamente realizadas pelos indivíduos, mas as chances de concretizá-las se encontram objetivamente estruturadas no interior da sociedade global — o que coloca um “limite” nas suas possibilidades de realização. Nessa perspectiva, o agente social é sempre considerado em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade global. A prática, então, pode ser definida como

“Produto da relação dialética entre uma situação e um habitus”³⁵.

o qual, sendo um sistema de disposições duráveis, é uma matriz de percepção, de apreciação e de ação que se realiza objetivamente em determinadas condições sociais, nas quais se situam, desigualmente, os agentes da “fala”. A prática – conjunção do *habitus* e da situação – ocorre, então, em um espaço que transcende as relações entre atores. Toda a eficácia da ação se encontra, pois, prefigurada, o que implica dizer que o ator só realiza aquelas ações que ele pode realmente efetivar.

Esse “espaço” é denominado “campo” e nele as posições dos agentes se encontram previamente definidas. O “campo” se define como o *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão – particulariza-se como um espaço onde se manifestam relações de poder e se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* (capital) social que determina a posição ocupada por um agente específico, neste campo.

A estrutura do “campo” pode ser apreendida tomando-se como referência dois pólos opostos: o dos dominantes e o dos dominados. Os agentes que ocupam o primeiro são aqueles que possuem um máximo de capital social, em contrapartida àqueles que se definem pelo mínimo, ou pela ausência, do *quantum* de capital social específico que determina o espaço em questão. Ao pólo dominante, correspondem as práticas ortodoxas para conservação do capital social acumulado; ao dominado, as práticas heterodoxas, que tendem a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo. Embora antagônicas, ortodoxia e heterodoxia participam dos mesmos pressupostos que ordenam o funcionamento do “campo”. A convivência entre os agentes determina o consenso a respeito da situação, ou seja, sobre o que merece ou não ser levado em consideração. O consenso

acontece porque os agentes desconhecem que o mundo social é um espaço de conflito, de concorrência entre grupos com interesses distintos. A esse desconhecimento corresponde uma “crença coletiva” que une, no interior do “campo”, agentes que ocupam posições assimétricas de poder.

Nessa perspectiva, as atividades da ciência ocorrem em um “campo científico”, que é definido por Bourdieu:

“... enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), (como) o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado”³⁶.

O campo de atividade da ciência, então, evidencia-se pela luta em torno da autoridade científica, das instâncias legitimadoras do poder e distribuidoras do seu capital social. Assim, os resultados das atividades dos atores no campo científico dependem, sensivelmente, das

condições iniciais para cada um dos atores desse campo. Não existe, pois, uma neutralidade das ações, dado que toda realização pressupõe necessariamente uma série de interesses (os mais diversos) em jogo.

Introduzindo a noção da relação de poder desigual entre “atores sociais”, com suas injunções sociais (que podem ser relacionadas à “reprodução” da sociedade) e suas motivações individuais (que podem ser relacionadas a estruturas em transformação), o conceito de **campo** aparece como uma unidade de análise aproximada, semanticamente, ao conceito de **consciência possível** de Goldmann, que inclui as categorias de sujeito individual e transindividual. Por outro lado, ambos os conceitos aparecem como “familiares” àqueles identificados no quadro teórico da ciência da informação, quais sejam o de “informação no contexto da comunicação humana” (Wersig & Neveling) e o de “informação como alteração de estruturas entre um emissor e um receptor” (Belkin & Robertson) no processo de transmissão de conhecimento para aqueles que dele necessitam. Essa “familiaridade” conceitual é o fundamento para o exercício metodológico proposto no presente trabalho.

AS FORMAS DE EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO

Analisando o processo histórico da emergência, desenvolvimento e decadência das sociedades que antecederam a sociedade ocidental atual, observamos que a produção intelectual dos homens em interação social representa um tesouro de formas de expressão do conhecimento. Este acervo de informações representa, concretamente, as visões do mundo construídas mediante ação das classes sociais nessas sociedades.

Desde a Antiguidade, essas formas de expressão se organizaram em sistemas de pensamento que buscam, encontram e registram respostas coerentes e adequadas para algumas das questões que movem nossa legítima curiosidade humana: de onde viemos, quem e como somos, por que estamos aqui e para onde vamos? Nos primórdios da civilização ocidental, a linguagem dessas formas de expressão era alegórica, traduzindo-se em uma narrativa (um texto e sua estrutura) de fatos seqüenciais relacionados simbolicamente, transmitindo um conhecimento organizado sobre o mundo.

Até que se desenvolvesse a escrita, inúmeras narrativas foram produzidas e circularam nas sociedades pré-históricas, estruturando-se a partir da visão do mundo dos seus principais grupos sociais e contendo informações relativas ao saber adquirido e organizado em milhares de anos de observação dos fenômenos das relações dos homens entre si e com o seu meio ambiente. A essas narrativas, originárias da capacidade de **fabular**, característica da espécie humana, é que os estudiosos denominam **mitos**.

Giorgio di Santillana propõe que imagine-mos um pensamento anterior à escrita:

“É simplesmente um pensamento bastante forte e coerente, sedimentado na memória, e que deve, de uma forma ou de outra, perpetuar-se, organizar-se, sem auxílio do sinal escrito. Por conseguinte, torna-se um pensamento mítico, no sentido clássico do termo, a própria expressão do pensamento exato, pois em um mundo sem escrita só há um modo de encadear as idéias: contando uma história. E esta história pode ser tão complexa e absurda quanto queiram, mas tem por fim exatamente o encadeamento de idéias que mantêm com ela uma relação puramente simbólica”³⁷.

Assim considerado, é um tipo de pensamento organizado com a finalidade de comunicar um conhecimento e, nesse sentido, deve conter uma informação, uma mensagem cujo significado é mediatizado por uma determinada forma de expressão social — na narrativa mítica, parecem ocultar-se informações que descrevem e explicam fenômenos físicos, biológicos e humanos, observados, descritos e regis-trados com a diversidade de formas da memória cultural da espécie. Certamente, tanto quanto em nossa sociedade pós-moderna, essa estrutura intelectual foi capaz de criar formas de expressão para transferir as informações produzidas no processo de descoberta e conhecimento do próprio ser humano, da natureza e do universo. Nas palavras de Santillana, trata-se

“de um fenômeno de transmissão de alta cultura. E, antes dele, um fenômeno de criação de pensamento através de certos momentos privilegiados da História que se perpetuam de maneira obscura, complexa, mas mor-fologicamente reconhecível”³⁸.

Até que se desenvolvesse a escrita, “especialistas” produziram e fizeram circular na sociedade do seu tempo inúmeras narrativas, estruturadas a partir da visão do mundo dos grupos que dominavam os processos de produção social e contendo informações relativas ao conhecimento adquirido em milhares de anos de relações dos homens entre si e com o seu meio ambiente. A essas narrativas, oriundas da capacidade de fabular, característica da espécie humana, é que os estudiosos denominam mitos e, mais especificamente, mitos de origem. Para a sociedade contemporânea, foram as comunidades do litoral e ilhas do Mar Egeu e do Mediterrâneo que legaram os sistemas de pensamento e as tecnologias de conhecimento que são a base da cultura ocidental. No contexto da sociedade grega, os deuses do Olimpo justificam e explicam a origem do cosmo, da natureza, do homem e dos padrões culturais, mediante símbolos (formas) que informam sobre sua potência energética. E as narrativas dos desafios entre deuses, de suas lutas, conquistas, vitórias ou derrotas, e de suas relações com os humanos, (re)criando no imaginário e nos processos sociais os fenômenos que ocorrem nos indivíduos e em suas relações com o meio ambiente natural e social.

Podemos nos perguntar, com Paul Veyne, “Acreditaram os gregos nos seus mitos?” Suas palavras lançam luz sobre a questão:

“O mito não é um modo de pensamento específico; não é mais do que o conhecimento por informação, aplicado a domínios de saber que, para nós, relevam da controvérsia, da

experimentação, etc. Existia na Grécia um domínio, o do sobrenatural, em que todo saber devia procurar-se junto de pessoas que estavam informadas; esse domínio era composto por acontecimentos e não por verdades abstratas às quais o ouvinte pudesse opor sua própria razão”³⁹.

Um mito, pois, não é inteiramente “mítico”, e os gregos criticaram pontualmente suas fábulas, mas não as menosprezaram, entendendo que o mito é verídico em sentido figurado – não é verdade histórica misturada com mentiras, é um alto ensinamento filosófico inteiramente verdadeiro, desde que, em vez de o tomarmos pelo seu sentido literal, encontremos nele uma alegoria. A narrativa mítica, enquanto forma que transfere informação, parece pertencer ao domínio desse fenômeno chamado por Santillana de “transmissão de alta cultura”, que poderia ser compreendido – talvez até explicado – como a expressão formal da visão do mundo das inúmeras civilizações ao longo da evolução da humanidade.

Pode-se dizer, então, que o mito é um **texto**, no sentido que lhe dão Belkin & Robertson, produzido e comunicado em uma sociedade que não domina a escrita – sua estrutura formal está orientada para “organizar” uma informação, que será socializada pelas categorias de linguagem e dos meios de comunicação disponíveis. Há, pois, um conhecimento e uma forma de comunicá-lo nos sistemas de pensamento das sociedades antigas, como demonstrou Lévi-Strauss⁴⁰. Na história recente da civilização ocidental, esse conhecimento e sua comunicação

vêm historicamente adotando as formas objetivas do racionalismo científico, aproximando as explicações míticas do ato original às experiências racionais conduzidas na realidade atual. A especificidade de cada um dos discursos parece-nos refletir o máximo de consciência possível da visão do mundo da classe dominante na sociedade, em um dado momento histórico, bem como sua capacidade de expressar e comunicar, através de formas coerentes e adequadas, o conhecimento disponível.

Pode-se fazer um exercício sobre as formas de expressão do conhecimento, usando a poesia grega e a teoria astrofísica, enquanto formas de expressão coerentes e adequadas de transferência da informação sobre os fenômenos da “origem”. A leitura de ambas remete a linguagens “especializadas” para descrever e explicar os fenômenos observados na natureza, porque os mitos gregos já haviam sido “esvaziados” de sua expressão religiosa e ritualística, ao serem “organizados” por Hesíodo. Como um profissional da informação, o poeta registra o conhecimento disponível sobre a origem do universo, na linguagem “especializada” do seu tempo:

“No princípio era o Caos, matéria eterna, informe, rudimentar, mas dotada de energia prolífica; depois veio Géia (Terra), Tártaro (habitação profunda) e Eros (Amor), a força do desejo. O Caos deu origem a Érebo (escuridão profunda) e a Nix (Noite). Nix gerou Éter e Hemera (Dia). De Géia nasceram Urano (Céu), Montes e Pontos (Mar)”⁴¹.

A linguagem dos especialistas contemporâneos também não consegue “traduzir” para outros grupos sociais a informação contida na explanação teórica, como mostra esse texto de Audouze que narra, na perspectiva do Big Bang, os acontecimentos que (presumivelmente) marcaram a formação do universo:

“Durante esse primeiro “segundo”, a força unificada separou-se em três tempos: a força da gravidade foi a primeira a se desprender. Depois disso, a força nuclear forte separou-se das duas outras, ainda unidas. Essa separação foi acompanhada de uma primeira mudança de

fase que conduziu à aceleração da expansão do universo e à criação dos blocos fundamentais, os quarks. Enfim, no instante 10^{-10} de segundo foi a vez da força nuclear fraca e a força eletromagnética se separarem, e, pouco depois, os quarks fundiram-se de três em três para formar prótons e nêutrons. Estes últimos, então, entregaram-se a uma alegre sarabanda com os elétrons, os pósitros e os neutrinos. Ao final do primeiro milhão de anos, a luz se filtra e surge afinal. É o fiat lux das escrituras”⁴².

Em um e outro texto, as formas de expressão representadas pela *poiesis* grega e pelo constructo científico traduzem uma informação que, mais do que revelar, instiga ao processo de conhecimento, abrindo, para nossos tempos tecnológicos, as portas do mistério. Em um e outro, a linguagem é definida pelo conhecimento disponível, mas as relações no “campo” serão sempre definidas pela situação dos sujeitos na sociedade – em última instância, pela consciência possível do grupo no qual interagem.

Como um músico tecendo sua partitura de sons, o profissional da informação tece sua teia de conceitos, lança sua rede de finas malhas, trazendo de volta a informação sobre o passado, enquanto tece, no presente, a informação que representará o conhecimento futuro. Esses fenômenos acontecem em um universo de discurso em que o processo de transmissão da informação é visto como comunicação do conhecimento para aqueles que dele necessitam, na sociedade – e esse é o olhar que orienta a perspectiva na qual Belkin & Robertson constroem seu construto informação como alteração de estruturas.

A combinação de intenção, conhecimento e efeito usada por Belkin & Robertson constitui um conceito de informação que é qualitativamente diferente daqueles que aparecem mais cedo e mais tarde no espectro proposto por esses autores. Essa diferença qualitativa pode permitir um uso proveitoso desse conceito em interação com outros conceitos teóricos das ciências sociais, em uma estratégia metodológica sugerida por Wersig e considerando-se a interdisciplinaridade da ciência da informação (Saracevic). O atrator que organizará esses conceitos, no interesse do campo de atuação da ciência da informação, é a própria informação, enquanto fenômeno da comunicação humana que representa uma forma coerente e adequada de expressão do conhecimento cujo sentido somente será decifrado por um receptor, se este transformar suas próprias estruturas de percepção e conhecimento do mundo.

Nesse sentido, vale lembrar Goldmann quando diz que, mesmo mediatizada pela parafernália das tecnologias da informação da sociedade contemporânea, a comunicação de mensagens supõe um emissor e um receptor humanos e

“sabemos que sua consciência não pode deixar ‘passar’ qualquer coisa de qualquer modo”⁴³.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Este exercício faz parte das atividades de pesquisa da autora, como aluna do Doutorado em Ciência da Informação (CNPq/IBICT-UFRJ/ECO), sob a orientação da professora doutora Vania Maria R. Hermes de Araujo.
2. WERSIG, G. Information science: The study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, v.29, n.2, p.229-239, 1993.
3. O termo *construto* é usado para “conceito teórico”, conforme notas em sala de aula na disciplina *Explicação e análise na ciência*, sob a responsabilidade da professora PhD Gilda Maria Braga. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (convênio CNPq/IBICT - UFRJ/ECO). Rio de Janeiro, semestre 95.1 (1995); e,

- especialmente, "idéia principal", conforme Mário Bunge, *Teoria e Realidade*. São Paulo: Ed. Perspectivas, 1974. p.56ss.
4. WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. *The Information Scientist*. v.9, n.4, p.127-140, 1975.
 5. Idem.
 6. BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E. Information science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science*, v.27, n.4, p.197-204, July-August, 1976.
 7. BOULDING, K.E. *The image*. Ann Arbor. MI: University of Michigan Press, 1956 *apud* BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E., op. cit. nota 6, p.198.
 8. BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E., op.cit. nota 6.
 9. ARAUJO, Vania M.R.H. de. *Sistemas de Recuperação da Informação: Nova abordagem teórico-conceitual*. Orientadores: Muniz Sodré de Araujo Cabral, Gilda Maria Braga. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Dout. Com. Cul.). Escola de Comunicação/UFRJ.
 10. BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E. Op. cit.
 11. Idem.
 12. Idem.
 13. Idem.
 14. Idem.
 15. ARAUJO. Op. cit.
 16. SARACEVIC, Tefko. *Information science: origin, evolution and relations*. In: *International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies*, University of Tampere, Finland, 26-28 August 1991. Pré-print.
 17. WERSIG. Op. cit.
 18. Idem.
 19. FREIRE, Isa M. *Consciência possível e informação; as formas de comunicação da ciência*. Projeto apresentado à Comissão de Seleção no Doutorado em Ciência da Informação. Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO. Rio de Janeiro, out. 1994.
 20. WERSIG. Op. cit.
 21. GOLDMANN, L. Importância do conceito de consciência possível para a informação. In: *O conceito de informação na ciência contemporânea; Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
 22. GOLDMANN, L. *Ciências Humanas e Filosofia; o que é a Sociologia?* 7.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
 23. Idem.
 24. Idem.
 25. Idem.
 26. Idem.

27. GOLDMANN, L. *A criação cultural na sociedade moderna*. São Paulo; DIFEL, 1972.
28. Idem.
29. Idem.
30. Idem.
31. ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu*. 2.ed. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
32. Idem.
33. BOURDIEU, P. *Esboço de uma teoria da prática*, apud ORTIZ, R. (org.), op. cit. nota 31, p.15
34. Idem.
35. Idem.
36. BOURDIEU, P. *O campo científico*, apud ORTIZ, R. (org.), op. cit. nota 31, p.122.
37. SANTILLANA, Giorgio di. O historiador e a teoria da informação. In: O conceito de informação na ciência contemporânea; *Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
38. Idem.
39. VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos nos seus mitos ?* Lisboa: Ed. Setenta, 1983.
40. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
41. BRANDÃO, Junito de S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
42. AUDOUZE, J.; CASSÉ, M.; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Conversas sobre o invisível; especulações sobre o universo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
43. GOLDMANN, L. Importância do conceito de consciência possível para a comunicação. In: *O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea; Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.39, 1970.

Information; possible conciousness; field. A theoretical constructs exercise

Abstract

Wersig's suggestion to information science is to implement the interaction between information science concepts and other scientific theoretical models. An exercise with the constructs "information" (Belkin, Robertson; Wersig), "possible conciousness" (Goldmann) and "field" (Bourdieu) is presented. In this interactive theoretical model, the "attractor" is the "information" notion like a human being communication phenomenon. In this approach, "possible conciousness" would be understand as a phenomenon like a social production, in society's structural laws level. "Field" concept brings a complementar framework for this, in individuals actions level, particularly in power relations in specialized work groups in society. The "possible conciousness" is considered by Goldmann as a fundamental concept in human communication studies, and could be used as a model for information transfer possibility in several groups of society.

Keywords

Information; Human communication; Information transfer; Sociology; Information exchange.

Isa Maria Freire

Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP-RJ)

IBICT